

## Os gêneros do discurso

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

Resenhado por Rita Signor<sup>1</sup>

Nos estudos de gêneros do discurso realizados no Brasil, Bakhtin é um dos autores mais citados. O que se observa, entretanto, é uma grande diversidade conceitual e terminológica em pesquisas alicerçadas por sua análise dos gêneros. Este fato é decorrente de uma concepção não hegemônica de tal conceito, oriunda de correntes teóricas diversas. Existe ainda, a questão das diferentes interpretações e apropriação desta noção pelos estudiosos do assunto. Também há de ser considerado o enfoque do estudo, por exemplo, os lingüistas e os antropólogos possuem motivações divergentes em relação às pesquisas que envolvem a temática<sup>2</sup>. Esta resenha refere-se ao texto – os gêneros do discurso – de Bakhtin (2003).

Para Bakhtin, os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. O autor refere que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Os sujeitos têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2003, p.282), “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

Antes de adentrarmos na discussão a respeito do conceito de enunciado (fundamental para entendermos o conceito dos gêneros), faz-se importante uma breve explanação a respeito de outros conceitos, a saber: o conceito de oração e palavra (unidades da língua).

A palavra, como também a oração pura e simples, não requer ato comunicativo, não suscita uma atitude de resposta por parte do outro, pode ser retirada do contexto, possui uma conclusibilidade abstrata e, por isso, pode não ser precisa; é o término do elemento e não do todo. A oração em si não tem autoria e só a partir do momento em que se torna um enunciado,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Lingüística pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Notas de aula – Professora Rosângela Hammes Rodrigues.

em uma situação discursiva, é que passa a representar a intenção do falante. A palavra, do mesmo modo, pode ser um verdadeiro enunciado. Assim, quando olhamos para um desenho mostrado por alguém e dizemos: – lindo!, estamos carregando a palavra de sentido, e provocando nesse alguém alguma atitude, tornando-a, a palavra, um enunciado concreto (Bakhtin, 2003).

Ainda com relação à palavra, o autor afirma que escolhemos as palavras de acordo com as especificidades do gênero discursivo utilizado no momento. Já que o gênero é uma forma típica do enunciado, no gênero a palavra incorpora esta tipicidade. Ao atentarmos para o exemplo: “Neste momento, qualquer alegria é apenas amargura para mim” (p.293), a palavra “alegria” remete à tristeza, significa que esta palavra está refletindo o seu sentido através do gênero, sendo interpretada pelo contexto discursivo. Esta expressividade típica não é da palavra, como unidade da língua, já que “alegria” remeteria à felicidade, mas sim é o resultado do funcionamento da palavra dentro do discurso. Bakhtin considera que a palavra não é dotada apenas de expressão típica, mas também de expressão individual, já que nos comunicamos por meio de enunciações individuais. E que as palavras são incorporadas ao nosso discurso a partir de enunciados de outras pessoas. “Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos” (p.295). À diferença do enunciado, palavra e oração, são desprovidas de “endereçamento”; não são ditas para alguém, não pertencem e nem se referem a ninguém, carecem de qualquer tipo de relação com o dizer do outro.

Já o enunciado, que pode ser falado ou escrito, pressupõe um ato de comunicação social, é a unidade real do discurso. Neste processo, existe uma interatividade entre sujeitos falantes. O receptor não é um ser passivo, ao contrário, ao ouvir e compreender um enunciado adota para consigo uma atitude responsiva, quer dizer, ele pode concordar ou não, pode completar, discutir, ampliar, direcionar, enfim, atuar de forma ativa no ato enunciativo. Aliás, o locutor não deseja uma reação passiva, mas um retorno, uma vez que age no sentido de provocar uma resposta, atua sobre o outro buscando convencê-lo, influenciá-lo. Bakhtin refere que esta atitude é a principal característica do enunciado. Salienta também, que o enunciado é único, não pode ser repetido (apenas citado), já que advém de discursos proferidos no exato momento da interação social.

Interessante salientar que Bakhtin considera o enunciado como resultante de uma “memória discursiva”, ou seja, repleta de enunciados que já foram proferidos em outras épocas, em outras situações interacionais, nas quais o locutor inconscientemente toma como

base para realizar a enunciação do momento, para formular seu discurso. A enunciação caracteriza-se então pela alternância de atos de fala, numa relação dialógica. Esta alternância é uma das peculiaridades do enunciado. A outra é a sua conclusibilidade específica, ou seja, um falante termina o seu turno para dar lugar à fala do outro e é isto que permite a possibilidade de resposta (posição responsiva).

São três os fatores desta conclusibilidade específica: o tratamento do tema, o intuito discursivo e as formas do gênero do acabamento. O primeiro elemento diverge em relação aos diversos campos de atividade humana, por exemplo, nos campos cujos gêneros refletem uma natureza padronizada, o acabamento é praticamente pleno, ao passo que nos gêneros que permitem a expressão da criatividade, pode-se falar só em um acabamento mínimo. O segundo relaciona-se à vontade de dizer do sujeito e é através dessa intenção verbalizada que é possível medir a conclusibilidade do enunciado, ou seja, somos capazes de perceber quando o outro finalizou seu turno, para que possamos tomar o nosso. O terceiro fator, o mais importante dos três para Bakhtin, está relacionado à escolha do gênero discursivo pelo sujeito, advinda de sua intenção comunicativa. Esta escolha é determinada em relação à esfera pela qual o discurso transitará, por seu conteúdo temático, pelas condições de produção e pela composição dos participantes.

Para Bakhtin, cada ato de enunciação é composto por diversas “vozes”. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos. Isto é o que o autor denomina de polifonia. Estas vozes “dialogam” dentro do discurso, não se trata apenas de uma retomada. Este diálogo polifônico é construído histórica e socialmente. A partir deste diálogo se dá a construção da consciência individual do falante. O autor vai mais adiante referindo que só pensamos graças a um contato permanente com os pensamentos alheios, pensamento este expresso no enunciado. Dessa forma, a consciência individual é resultante de um diálogo inter-consciências.

Um outro traço constitutivo do enunciado é o fato dele ser produzido para alguém. Assim, todo enunciado tem um destinatário. Bakhtin (2003) salienta que o outro – “receptor” do discurso - não é necessariamente alguém totalmente definido, como acontece “em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional” (p.301). O autor comenta ainda que o estilo do discurso é definido a partir de concepções que o locutor tem a respeito do destinatário. Assim, alguns aspectos são considerados na elaboração do enunciado, como as convicções, os preconceitos do destinatário, seu grau de letramento, seu conhecimento do

assunto a ser tratado, suas convicções, suas simpatias e antipatias. Fatores estes que determinarão a escolha do gênero mais adequado à situação comunicativa em questão.

Ao compreendermos, conforme relatado acima, o enunciado como uma unidade discursiva estritamente social que provoca uma atitude responsiva por parte do sujeito, passaremos a supor, que todo e qualquer enunciado é produzido para alguém, com uma intenção comunicativa pré-definida. São estas intenções, como parte das condições de produção dos enunciados que, para o autor, determinam os usos linguísticos que originam os gêneros. Assim, o ato de fala possui formas diversificadas de acordo com o querer-dizer do locutor. Tais formas constituem os tipos “relativamente estáveis” de enunciados. Também, esta relativa estabilidade ao qual o autor alude é devido a sua marca histórica e social relacionada a contextos interacionais.

Dessa maneira, os gêneros vão sofrendo modificações em consequência do momento histórico ao qual estão inseridos. Cada situação social origina um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao pensarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Bakhtin vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Esta imensa heterogeneidade levou o autor a realizar uma “classificação”, dividindo-os em primários e secundários.

Os primários aludem a situações comunicativas cotidianas, espontâneas, não elaboradas, informais, que sugerem uma comunicação imediata. São exemplos de gêneros primários a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano. Os gêneros secundários, normalmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como no teatro, romance, tese científica, palestra, etc. Vale ressaltar que a essência dos gêneros é a mesma, ou seja, ambos são compostos por fenômenos de mesma natureza, os enunciados verbais. O que os diferencia, entretanto, é o nível de complexidade em que se apresentam.

A diferença entre os tipos de gêneros – primários e secundários – é extremamente grande para Bakhtin. Segundo o autor, existe a necessidade de que se faça uma análise do enunciado para que se possa definir sua natureza. O estudo desta natureza e da diversidade dos gêneros é importante para as pesquisas em linguagem, pois através desta análise os pesquisadores poderão obter os dados de suas investigações levando em conta a historicidade

da informação. Ao contrário, qualquer dado de pesquisa corre o risco de cair em um formalismo ou “abstração exagerada”.

Bakhtin considera que os gêneros secundários são formados a partir de reelaborações dos primários. Assim, um diálogo cotidiano relatado em um romance perde seu caráter imediato e passa a incorporar em sua forma as características do universo narrativo – complexo – que lhe deu origem, ou seja, nesta situação, o diálogo transforma-se em um acontecimento literário e deixa de ser cotidiano.

Para fins de classificação de um gênero discursivo, faz-se necessário que sejam considerados alguns aspectos definidos por Bakhtin, a saber: conteúdo temático (assunto), plano composicional (estrutura formal) e estilo (leva em conta a forma individual de escrever; vocabulário, composição frasal e gramatical). Estas características estão totalmente relacionadas entre si e são determinadas em função das especificidades de cada esfera de comunicação, principalmente devido a sua construção composicional.

O autor discrimina o “estilo” como algo absolutamente ligado aos gêneros do discurso, ressalta que por ele a individualidade do falante/escritor pode ser refletida, no entanto, coloca que nem sempre é possível ao sujeito representar sua individualidade estilística, pois alguns gêneros requerem uma forma padronizada de linguagem, como em documentos oficiais, por exemplo. Observa também, que o estilo é um “epifenômeno” do enunciado, ou seja, não se planeja escrever com determinado estilo, o estilo acaba sendo o produto – consequência do escrito/fala. Apesar de o estilo estar indissolúvelmente atrelado ao enunciado, não significa, segundo o autor, que não possa ser estudado separadamente. A “estilística da língua”, então, é uma disciplina independente e autônoma. E, mais uma vez, Bakhtin refere que o estudo da estilística só seria relevante se fosse baseado na natureza dos gêneros do discurso. Aliás, o autor é perseverante ao afirmar que, em qualquer estudo que se faça a respeito da língua, faz-se imprescindível abarcar o aprofundamento das modalidades dos gêneros, pois eles representam a língua viva, a linguagem em uso. O autor coloca que, até os dias atuais, os estudos têm desconsiderado as modalidades de gêneros do discurso, por isso, tais estudos são “pobres” e não diferenciados, inexistindo uma classificação de estilos de linguagem reconhecida de modo pleno.

Há que se considerar que, a habilidade no uso dos gêneros está diretamente relacionada ao domínio que temos em relação a eles, ou seja, quanto maior for esse domínio, mais facilidade teremos em empregá-los de forma usual e adequada nas situações comunicativas em que estivermos inseridos. Bakhtin afirma que, grande número de pessoas

que apresentam um amplo conhecimento em relação a uma determinada língua, sentem-se pouco potentes em algumas situações por não dominarem os gêneros de dadas esferas. Para o autor, é a própria vivência em situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros do discurso que exercitam a competência lingüística do produtor de enunciados. É esta competência dos interlocutores que auxilia no que é ou não aceitável em determinada prática social, sugerindo que quanto mais experiente for o sujeito, mais hábil será na diferenciação dos gêneros e no reconhecimento do sentido e da estrutura que o compõe.